



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11911 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Educação Ambiental

SEMEANDO AGROECOLOGIA PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DESDE EL SUR

Paolo de Castro Martins Massoni - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

SEMEANDO AGROECOLOGIA PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DESDE EL SUR

Introdução

Na busca referencial para colaborar na construção de uma abordagem em educação ambiental (EA) contextualizada as realidades do sul global, as ideias aqui apresentadas partem da constatação da possibilidade de construção de epistemologias e pedagogias a partir dos povos e dos sistemas de produção de conhecimento que foram diminuídos ou silenciados a partir da hegemonia do pensamento eurocêntrico moderno (Walsh, 2017). Para isso, buscamos pensar contribuições para o campo da EA, a partir de um diálogo do conceito da ‘educação ambiental desde el Sur’ (Sánchez, 2020) com os acúmulos da agroecologia.

Metodologia

O trabalho consiste em um ensaio teórico sobre o diálogo entre a agroecologia e a EA, a partir da perspectiva de uma perspectiva contextualizada ao sul global, propondo uma EA desde el Sur. A partir do conceito de ‘EA desde el Sur’, foi realizada uma discussão sobre como a agroecologia pode contribuir com avanços para o campo da pesquisa em EA.

Educação ambiental pensada a partir da América Latina

A proposta de uma EA desde el Sur intenciona promover um olhar para as realidades socioambientais a partir do sul global, considerando conhecimentos não hegemônicos como válidos e em diálogo com os conhecimentos científicos (Sánchez, 2020). Arelada à

valorização de outros conhecimentos e de outros modos de viver e compreender o mundo, ocorre a valorização dos povos e de grupos sociais que os produzem e que são historicamente subalternizados e oprimidos.

Essa educação pressupõe outras metodologias de pesquisa e de práticas pedagógicas. Um exemplo é a pedagogia decolonial. Segundo Catherine Walsh, a pedagogia decolonial apresenta três pontos principais, que são: a crítica à colonização; a crítica à geopolítica do conhecimento implementada pela colonialidade; e a luta pelas culturas e conhecimentos que foram subalternizados (Walsh, 2017). A autora afirma ainda que a memória coletiva dos diferentes povos é uma fonte das pedagogias decoloniais, visto que é a partir dela que os modos de vida, as bases filosóficas sobre a compreensão da vida, os ensinamentos sobre a existência, os conhecimentos sobre a natureza, entre outros, se perpetuam e possibilitam a resistência frente à racionalidade moderna capitalista e ao poder colonial (ibid.).

Em relação à metodologia de pesquisa e produção de conhecimento, as contribuições de Orlando Fals Borda (2015) sobre a Pesquisa Ação Participante merecem ser destacadas. Essas propostas metodológicas reconhecem os grupos que são pesquisados como detentores de conhecimentos e capazes de realizar pesquisa. Desse modo, ao invés de ser feita uma pesquisa ‘sobre’ determinado grupo, a pesquisa é realizada ‘com’ o grupo em questão. As pessoas passam a ser vistas como sujeitos de conhecimento e não como objetos a serem pesquisados.

Educação ambiental pensada a partir do Sul global

Segundo Salgado e colaboradores (2019), os conflitos ambientais são um eixo estruturante do processo de ocupação da América Latina. Reconhecendo o contexto fundante da América Latina e a existência das forças da colonialidade, da modernidade e do capitalismo, que seguem atuando neste continente, a ‘EA desde el Sur’ surge como uma perspectiva pedagógica contextualizada às realidades sociais, políticas e ambientais do Sul global (Sánchez, 2020).

Nesse sentido, a EA desde el Sur apresenta uma orientação política que problematiza a sociedade capitalista moderna, que tem como uma de suas bases a desvalorização da diversidade epistemológica existente no mundo (Sánchez, 2020). Portanto, uma EA desde el Sur aponta para a superação da perspectiva cartesiana que segrega os seres humanos do restante da natureza e busca uma aproximação com outras visões de mundo (Salgado et al. 2019).

Agroecologia e educação ambiental em diálogo

Com a industrialização da agricultura, houve o aumento do uso de agrotóxicos, a perda de diversidade genética das espécies agrícolas, o aumento do desmatamento de ecossistemas naturais e a perda sociocultural das populações de camponeses e de demais povos tradicionais (Altieri, 2012).

A partir da busca da superação dos problemas oriundos da agricultura industrial, surgiu a agroecologia. Como afirma Leff (2002), a agroecologia propõe alternativas às

práticas predatórias da agricultura industrial capitalista, buscando reparar as violências às quais os ecossistemas e as pessoas foram submetidos.

O conceito de agroecologia vai além da ideia de práticas agrícolas sustentáveis, alternativas ao modelo de agricultura industrial, carrega forte dimensão social e política, que inclui, entre outros processos, a valorização das culturas populares tradicionais, a luta pelo direito desses povos à terra e aos seus territórios, a defesa da agrobiodiversidade, a busca pela garantia da segurança alimentar e da segurança hídrica, a construção de atividades econômicas alternativas e o diálogo entre conhecimentos populares e científicos (Altieri, 2012; Leff, 2002).

Os conhecimentos agroecológicos são construídos por meio dos saberes ancestrais, da pesquisa, da experimentação e da avaliação pelas comunidades e da troca de experiências e de conhecimentos entre agricultores (Altieri e Toledo, 2011). Nesse processo, junto à articulação de conhecimentos tradicionais com os conhecimentos científicos, há uma busca pela reapropriação ambiental e social dos territórios, valorizando a vida das pessoas e o resgate da humanização, a diversidade cultural, a justiça social e a conservação ambiental.

Portanto, por ser pautada em uma visão distinta da racionalidade moderna-capitalista e possuir uma integração entre conhecimentos científicos, práticas agrícolas com viés conservacionista, organização comunitária e atuação política para a luta por justiça social, a agroecologia consiste em um processo de descolonização da agricultura e dos modos de vida de agricultores, de populações tradicionais e de populações urbanas periféricas.

Ao reconhecer a modernidade-colonialidade e o capitalismo como estruturantes da crise civilizatória e buscar uma reapropriação do mundo a partir da valorização de epistemologias e ontologias que foram subalternizadas, a EA desde el Sur pode ter a agroecologia como uma importante fonte de inspiração teórica e metodológica.

Palavras-chave: educação ambiental, agroecologia, América Latina, decolonialidade

Referências Bibliográficas:

Altieri, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

Altieri, M.; Toledo, V. The agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. *The Journal of Peasant Studies*. v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011.

Fals Borda, O. Cómo investigar la realidad para transformarla. In: *Orlando Fals Borda Una sociología sentipensante para América Latina*. antología y presentación, Moncayo, V. M. — México, D. F.: Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015.

Leff, E. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent*. Porto Alegre, v. 3,

n. 1, p. 36-51, 2002.

Salgado, S.; Menezes, A.; Sánchez, C. A colonialidade como projeto estruturante da crise ecológica e a Educação Ambiental desde el Sur como possível caminho para a decolonialidade. *Revista Pedagógica*, 21, p. 597-622, 2019.

Sánchez, C. Caminhos para a educação ambiental desde el Sur. in.: Mortari, C., Wittmann, L. (Org.). *Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos* – Florianópolis : Rocha Gráfica, 2020.

Walsh, C. Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. In.: Walsh, C. (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.